

UNIO MYSTICA: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UM POETA ROSACRUZ

Ricardo Uhry¹
Paulo Eduardo Lopes²

RESUMO: Todos buscam vivenciar uma Vida mais amorosa e verdadeira, como se fosse algo que, por meio da poesia, nos permitisse abrir as portas de um templo sagrado, em que uma celebração mística está prestes a começar. Pode ser que se trate de um mistério a ser vivenciado, a *unio mystica* ou a iluminação por meio de “vivências, escutas e encontros poéticos”. Pode uma obra poética alternativa instigar a busca da iluminação? Trazer elementos que ajudem a lançar um outro olhar para a Vida? As desafiantes reflexões analítico poético-filosófico nos levam a sugerir que podemos vivenciar uma Vida mais amorosa e verdadeira. A arte poética alternativa pode nos ajudar a adentrar às portas de um templo sagrado, em que uma celebração mística poética pode acontecer e que, sem perceber, podemos vivenciar o mistério da união mística poética por meio da escuta, do encontro e das vivências que podem nos encantar e nos ajudar a nos encontrar com Deus.

Palavras-chaves: processo de criação poética; poética e misticismo; vivências poéticas.

UNIO MYSTICA: EXPERIENCE REPORT OF A ROSICRUCIAN POET

ABSTRACT: Everyone seeks to experience a more loving and true Life, as if it were something that, through poetry, would allow us to open the doors of a sacred temple, where a mystical celebration is about to begin. It could be a mystery to be experienced, the *unio mystica* or enlightenment through “experiences, listening and poetic encounters”. Can an alternative poetic work instigate the search for enlightenment? Can it bring elements that help us take another look at life? The challenging analytical-poetic-philosophical reflections lead us to suggest that we can experience a more loving and true Life. Alternative poetic art can help us to enter the doors of a sacred temple, where a poetic mystical celebration can take place and where, without realizing it, we can experience the mystery of poetic mystical union through listening, encounter and experiences that can enchant us and help us to meet God.

Keywords: process of poetic creation; poetics and mysticism; poetic experiences.

¹ Doutor em Comunicação e Linguagens (Universidade Tuiuti do Paraná/UTP), Mestre em Administração (UFPR), escritor e poeta autor de Estratégias de comunicação (Ed. UFPR), Serendipidade (UBE&Scortecchi), Vivências, escutas e encontros poéticos, e outros, pesquisador da Universidade RoseCroix International URCI. <https://orcid.org/000-0001-6296-7258>. ricardouhry@yahoo.com.br

² Doutor em Linguística e Semiótica (FFLCH USP), é poeta e músico com canal no YouTube: <https://youtube.com/@paulocortazzolopes?si=2W6fCvX4obIXNAOj>. <https://orcid.org/0009-0005-6479-9805>. paulo-lobes@uol.com.br

INFORME DE LA EXPERIENCIA DE UN POETA ROSACRUZ

RESUMEN: Todo el mundo busca experimentar una Vida más amorosa y verdadera, como si fuera algo que, a través de la poesía, nos permitiera abrir las puertas de un templo sagrado, donde está a punto de comenzar una celebración mística. Podría tratarse de un misterio a experimentar, la unio mystica o iluminación a través de «vivencias, escuchas y encuentros poéticos». ¿Puede una obra poética alternativa instigar la búsqueda de la iluminación? ¿Puede aportar elementos que nos ayuden a dar otra mirada a la vida? Las desafiantes reflexiones poético-filosóficas analíticas nos llevan a sugerir que podemos experimentar una Vida más amorosa y verdadera. El arte poético alternativo puede ayudarnos a entrar en las puertas de un templo sagrado, donde puede tener lugar una celebración mística poética y donde, sin darnos cuenta, podemos experimentar el misterio de la unión mística poética a través de la escucha, el encuentro y experiencias que pueden encantarnos y ayudarnos a encontrar a Dios.

Palabras clave: proceso de creación poética; poética y mística; experiencias poéticas.

Introdução: vivência mística Rosacruz

Todos buscam vivenciar uma Vida mais amorosa e verdadeira, como se fosse algo que, por meio da poesia, nos permitisse abrir as portas de um templo sagrado, em que uma celebração mística está prestes a começar. Pode ser que se trate de um mistério a ser vivenciado como experimentar o misticismo Rosacruz do qual sou aprendiz desde 1978.

Quanto ao mistério, a Antiga e Mística Ordem Rosacruz Amorc (2011) registra que, na origem de místico, está “estudo dos mistérios da vida”, e por místico entende-se o “estudo das leis que regem o universo, a natureza e o ser humano. No nível prático, representa a aplicação dessas leis” (Amorc, 2011, p. 189), o que envolve a comunicação espiritual ou divina.

A comunicação passa por nos harmonizarmos conosco, com os outros, com o Planeta, e, buscando ir além, também com o plano cósmico, com Deus. Diante de tal desafio, como se comunicar com o plano espiritual e buscar alcançar a comunhão divina, a que também se denomina *unio mystica*, a união mística - Iluminação. “O ideal do misticismo é a consecução final da união consciente com o Absoluto, ou o Cósmico” Amorc (2011, p. 190). A união mística pode abranger a comunicação com Deus.

No sentido de associar a comunicação ao mistério, sob a perspectiva Rosacruz da AMORC, Mazzucco (2020) propõe que a comunicação - “uma arte mística” - acontece em níveis, desde a fala, a escrita até o silêncio. Mesmo pessoas que não falam um a língua do outro podem se comunicar por mímica, de forma poética, por meio do coração. Sorrisos, apertos de mão e abraços sinalizam uma “harmonia que sentimos em nossos corações e o desejo de realizá-la junto com os outros”: trata-se do encontro que ajuda a construir a comunicação pela “escuta, tanto interior quanto exterior”, o que sugere algo misterioso. Por outro lado, os tempos atuais “costumam ser caracterizados pela ausência de escuta”, sendo mais “uma tentativa de se ter razão do que pela busca e pela preservação de uma verdade” (Mazzucco, 2020, p. 5-9).

Do que se destaca “escuta, tanto interior quanto exterior”, “silêncio”, “forma poética, por meio do coração”, “harmonia”, “realizá-la” e “encontro”, o que revela certa similaridade conceitual com a obra artística a ser analisada: “Vivências, escutas e encontros poéticos” - poética visual alternativa e inovadora que envolve o processo criativo do próprio autor Rosacruz (Uhry, 2025), além de se procurar estabelecer uma ponte com outras áreas do conhecimento (misticismo; comunicação; ciência das religiões), o que é enriquecido com a análise crítica e percepção de coautor Lopes (2025, p. 19-25).

Metodologia

A metodologia adotada é um relato de experiência, que é baseado no método fenomenológico (Zitkoski, 1994) de Husserl (2001), em que o pesquisador precisa “voltar-se para si próprio” (Zitkoski, 1994, p. 18) ou seja, a “reflexão filosófica [é] voltada para o ‘eu’ [...], “a si mesmo e, dentro de si, procurar”. Assim “deve constituir-se como algo dele, ser que usa sabedoria, seu saber, que, embora se volte para o universal, seja adquirida por ele” (Husserl, (2001, p. 19-20). O que é complementado com uma abordagem metodológica ensaística e foca tanto as inovações poéticas alternativas quanto as relações da arte com outras áreas do conhecimento, como misticismo, comunicação, ciências das religiões e filosofia de vida, para o que se utiliza a obra poética referida, a bibliografia referida, e técnicas de pesquisa indiciária (Braga, 2008, p. 74-88; Ginzburg, 2007) e de análise de discurso (Greimas; Landowski, 1986).

A obra poética Rosacruz “Vivências, escutas e encontros poéticos” é uma coletânea que tem sua origem no Facebook (“Encontros e encantos com a natureza”), em que são postadas poéticas visuais em forma de fotografias autorais acompanhadas de textos poéticos reflexivos e ilustradas com poéticas visuais fotográficas, para compor a obra poética experimental. O leva à problemática de uma obra poética alternativa influenciar a produção poética e até por meio das poesias poder instigar a busca da iluminação? A poética experimental pode possibilitar elementos que ajudem a lançar um outro olhar para a Vida?

Vivência poética Rosacruz

A propósito dos termos destacados e referidos por Mazzucco, atual dirigente mundial da Amorc (“escuta”, “encontro” e “realizá-lo”), podem ter relação com uma concepção mística que se reflete na poética alternativa? Ao analisar Vivências, escutas e encontros poéticos percebe-se certa semelhança dos termos com o título da coletânea. A propósito do que se propõe refletir sobre o poema “Vivência”:

*[Poeta não é só poesia:
canta, dança, filosofa, lê, faz mexerico
sapateia, pensa, domina o léxico
experimenta pintura, fotografia...]*

Poeta é sensível, panléxico,
para os (des)encantos da Vida,
a refletir sobre chegada & partida
e procurar gerar *refléxio*. (Uhry, 2025, p. 34)

Em “vivência” (poema), que é similar ao termo “realizá-la” (vivenciá-lo), também aparece o termo “refléxio”, uma concepção de um espelho que se coloca diante de nós e nos reflete e, ao mesmo tempo, gera reflexões. E, ao refletir sobre o poema, a primeira imagem do poeta é de quem vivencia a vida de forma sensível e tem consciência da vida e da morte (“chegada & partida”) e dos encantos e desencantos da Vida. Uma vivência poética alternativa?

Encontro poético

Ao analisar a obra, seu autor parece estar vivenciando um passeio pela vida, com caminhadas em que medita e capta imagens, observa tudo e todos incessantemente. Da mesma forma que vivencia a busca do autoconhecimento, ao se deter nas pessoas que encontra (“Aprender [surpreende]”):

Há pessoas que têm alma amorosa, compassiva e meditativa,

*o que lhes confere fragrância encantadora
e seu halo surge como aura. (Uhry, 2025, p. 45)*

Trata-se de uma percepção de um encontro, o que move o desejo de compartilhar as reflexões, sentimentos e assombros suscitados por estas Vivências, escutas e encontros poéticos. A primeira impressão é de que todo o trabalho estético se põe a serviço de uma adamantina *postura ética*: o autor vale-se de seus versos como uma estratégia persuasiva, uma forma de seduzir o leitor para comunicarlhe uma mundividência mística, característica que será preciso compreender e descrever de forma adequada.

Vejam os breves traços como isso se dá. Alguns poemas, no início do livro, compõem-se de estrofes que se repetem com versos ligeiramente modificados, ou com a ordem trocada, conseguindo efeito poético interessante. Uma ilustração desse procedimento pode ser encontrada nos três poemas que derivam de duas estrofes apresentadas preliminarmente, cada qual com título próprio: “Primeiro verso: Aprendiz” e “Segundo verso: [Ondas]” em Uhry (2025, p. 27-29).

Tudo se passa, como se o autor estivesse em busca de imagens cada vez mais aprimoradas para exprimir ideias semelhantes. À medida que o leitor vai explorando a obra, começa a perceber que essa busca do poeta reaparece e se renova a cada poema, observável como efeito de sentido da mobilização de diferentes mecanismos poéticos.

Metafísica poética?

Em última análise, a leitura do conjunto dos poemas mostra que há um funcionamento geral a reiterar a mesma *poiesis*: um mesmo grupo de ideias ligadas a uma visão mística do universo que surge repetidamente em quase todos os poemas, como se o autor fosse aos poucos aproximando-se (e aproximando-nos), com versos simples, de mistérios muito complexos.

Para citar as palavras do próprio poeta, cada poema “é um reflexo tênue do comunicável” (“Vivência poética [Unio mystica]”) em Uhry (2025, p. 36). Talvez por isso, cada um de seus poemas retoma de outra forma os mesmos temas, incessantemente. Cada poema é uma roseira; a disposição das diversas roseiras guia o leitor e a leitora por uma trajetória definida; e o livro todo pode ser então belamente descrito como “um roseiral perfumado no caminho espiritual” (“Bondade [d’alma]”) em Uhry (2025, p. 68).

Essa verdadeira metafísica poética impõe-se de imediato à consciência de leitor a célebre frase formulada pelo também poeta Ferreira Gullar: “A arte existe porque esta vida não basta”. Para ambos, Gullar e Uhry, trata-se de enxergar a arte, em geral, e a poesia, em particular, não como um fim em si, mas como uma passagem para outra dimensão da existência. Mas, a partir dessa base comum, a diferença entre ambos é significativa. Ferreira Gullar explica: “A função da arte é inventar a realidade. A arte é a visão das coisas que não conhecemos. A arte é alguma coisa que não existia antes. A vida é inventada. O mundo é inexplicável” (Gullar, 2024).

Gullar vê a arte (e a poesia) como a invenção de um outro mundo, ao qual podemos atribuir sentidos – diferentemente do que ocorre com o “real” cotidiano, que conhecemos, mas não conseguimos explicar. Essa seria a função primordial da arte, segundo tal visão: criar livremente explicações para o inexplicável.

Já para Uhry, a poesia (e a arte) continua tendo função de ponte, mas não para a construção de uma outra realidade, inventada, e sim para a descoberta, no íntimo de cada um, de uma dimensão transcendente, uma espécie de *verdade verdadeira*, preexistente a tudo quanto somos capazes de ver e tocar no dia a dia.

À diferença do que dizia Gullar, a poesia, para Uhry, não consegue comunicar, o que é essencialmente “inexplicável” ou “incomunicável” – nem essa é sua função. Tal impossibilidade é verbalizada no poema “Vivência poética [Unio mystica]”:

*[Poemas ao vento – a ideia base:
tudo que se pode dizer se perde ao vento
emoções, expressões, toques sutis d’alma
a palavra é morta, pertence ao passado
o aqui e agora experiencial é incomunicável
só o silêncio expressa a profundidade, o essencial amável]. (Uhry, 2025, p. 36)*

Há vários outros exemplos desse ponto de vista na obra. Vejamos a última estrofe de “Primeira vivência poética”:

*Poeta um fingidor no exterior
Uivo poético finge dor
Insight traz Luz, Amor
Poema verdadeiro parte do interior. (Uhry, 2025, p. 58)*

A referência ao famoso poema “Autopsicografia”, de Pessoa (2003, p. 164), serve para demarcar a distância entre a visão da poesia como construção de uma realidade “inventada”, como modalidade de discurso franqueadora do acesso a um universo de “faz de conta”, que o poeta português parece compartilhar com Ferreira Gullar.

E, de outro lado, a concepção que vê na poesia um elemento quase ritual, uma chave para a busca da verdade imanente de cada um, através da reflexão, da meditação que une a essência individual à totalidade universal. A busca da verdade é essencial para entender a poesia de Uhry, ao passo que Gullar e Pessoa não parecem se preocupar-se com nenhuma verdade; pelo contrário, aparentemente propõem uma fuga do mundo real, propiciada pelo mundo imaginário da arte.

Enquanto para Pessoa e Gullar, a poesia e a arte se *acrescentam* a um *mundo insuficiente*, para Uhry elas são instrumentos do buscado *esvaziamento* de um *mundo excessivo* – mundo ao qual estamos submetidos desde sempre, por hábito e descuido. Isso é dito com todas as letras em “Condicionamentos [memória]”:

*Precisamos desaprender para o essencial aprender.
Muitos condicionamentos planetários existem.
Precisamos reavaliar para podermos crescer espirituais.
Humana e ecologicamente em direção às estrelas, ao infinito. (Uhry, 2025, p. 76)*

No próprio fazer poético de Uhry, a *renúncia* ao mundo excessivo das palavras se dá pela denúncia de tudo que é aparência e exterioridade – a dimensão da “forma” – e pela simultânea afirmação do que na poesia (e nas pessoas) é imanência e interioridade – a dimensão do “conteúdo”. É o que se lê no poema “Pela primazia [da amorosidade]”:

*Oceano poético – margens d’rios: odiosidade, amorosidade.
O rio da forma, dos efeitos das palavras e seus venenos.*

Fazer poético e fazer existencial

Sugere-se paralelismo entre o fazer poético, criativo, e o fazer ético, existencial. Da mesma forma que o poeta deve renunciar à dimensão superficial e formal da linguagem para exaltar sua dimensão significativa, cada ser humano deve escolher, em meio aos sofrimentos da vida, amar a essência de todas as coisas e dos outros seres humanos, que nos conecta a todos com o divino. Veja-se, por exemplo, estes trechos do poema “Amar [odiar]”:

*[Nada nos impede de enraivecer, não somente
colocar em ação a humana odiosidade,
sempre um fazer tristonho: manter os ódios ativos.
Com a desculpa da desavença, raiva... É o que queres? (...)]*

II

*Escolha: dentro de nós criativos, amorosos, sonhando apoiar
vidas e o planeta; o melhor de nós, explorar; [...] (Uhry, 2025, p. 90).*

Em geral, o *ethos* do Uhry é sereno, sugerindo que ele se localiza, discursivamente, num mirante bem alto a partir do qual pode contemplar a loucura do mundo com distanciamento e a mesma compaixão que emprega em seus versos. Às vezes, ele pode subir o tom enunciativo, como que dando aos leitores um retrato cru de nossos próprios comportamentos desatinados. Há um trecho do poema “Percalços [competição]” onde essa atitude enunciativa se observa:

*[O transcorrer da Vida traz muita ferida
ao rastejar ou voar para sobreviver.
Um desafio extenso há eras.
Para uns – na merda! A vida os “rapa” – é dura;
para outros – aos peidos! A vida fútil – é agonia.
O que ainda piora com a idade.
Até que a barca da Vida afunda.] (Uhry, 2025, p. 93).*

Escuta: a vivência como poeta místico

Uhry é um poeta místico Rosacruz a cuidar de seus leitores, esforçando-se a cada poema para indicar o caminho espiritual Rosacruz. Talvez a chave de leitura seja fornecida logo de início no poema que serve de epígrafe à primeira parte, “I. Vivências poéticas” em que a seguir há uma poética visual seguida de “Vivências [subimos]”:

*Vivências poéticas: a busca amorosa e ética
O abraçar a alma
O êxtase na meditação calma
Escuta ao vivenciar a unio mystica poética. (Uhry, 2025, p. 31).*



Figura I: Poética visual 1 - poeta e esposa no deserto do Atacama.

Tudo nos faz crescer espiritualmente. Aprendizes na subida!

[Gratos às vivências dos gayses de el Tatío da Vida.

Tudo tem algo a nos ensinar. São os desafios da lida:

Dentro de si as ondas d'alegria e dor consolida! (...)] (Uhry, 2025, p. 31).

Na poética visual 1, o poeta escolheu uma imagem de alegria - quase epifania – consolidada no deserto, evitando a poética visual de - todo encapotado - a passar frio a doze graus abaixo de zero, a “dor [que se] consolida”! Além disso, destaca-se aqui a anterior “escuta ao vivenciar” que pode ser relacionada à união mística na consciente comunhão das almas com o infinito deserto árido, o que pode ser concebida como “a consecução final da união consciente com o Absoluto, ou o Cósmico”(Amorc, 2011, p. 190), que se dá ideia que seria alcançado poeticamente (“unio mystica poética”).

A expressão *unio mystica* pode ser relacionada ao contexto judaico-cristão antigo. Para Nogueira (2011), *unio mystica* designa o desejo do espírito humano pela comunhão com a divindade. Pesquisadores das religiões distinguem duas vertentes: 1ª. Há quem entenda a comunhão mística como a fusão da alma mística com seu Deus, e a consequente dissolução de toda individualidade preexistente. 2ª. A outra vertente define a experiência da *unio mystica* como uma contemplação extática da divindade pela alma, mediante práticas rituais, sem perda de qualquer identidade (Nogueira, 2011).

A concepção da Amorc (2011) registra também “comunhão cósmica”, relacionada à “iluminação” no sentido de “Luz da mente, mais precisamente compreensão universal”, uma vez que “A Iluminação Cósmica resulta na harmonização com a Inteligência Cósmica que permeia o nosso ser” e é “A Iluminação a forma mais elevada de comunhão cósmica” (Amorc, 2011, p. 145), que é semelhante a concepção de união mística.

O que sugere que a poética analisada parece mais próxima à segunda vertente da *unio mystica*, pois propõe a “meditação calma” e as “vivências poéticas” como caminhos rituais para a comunhão do

humano com o divino, não havendo indicação de perda da individualidade nessa comunhão, e isso se pode ler em diversos poemas ao longo do livro:

Consciência com o Poeta Maior – harmonia (“Eros [Tânatos]”). (Uhry, 2025, p. 123).

Com a Terra, o Cósmico harmonizar (Consciência [Deus]). (Uhry, 2025, p. 59).

ser compassivo, harmonizar-se com Deus (“Caminhar meditando [sonho]”). (Uhry, 2025, p. 63).

A ideia de “harmonia”, termo relacionado ao conceito de Iluminação (Amorc, 2011, p. 145), é termo recorrente na poética analisada: evoca a percepção de *um todo cujas partes continuam a existir* – justamente, de forma “harmônica” entre si: disposição ordenada, acordo e entendimento, coerência, combinação agradável etc. Não há aqui, nem poderia haver, qualquer noção de *fusão* entre as partes na formação do todo.

Além disso, parece conceber a *unio mystica*, à diferença de ambas as tradições mencionadas, não apenas como a comunhão com alguma entidade transcendental, que ele não exclui do seu conceito, mas também como a comunhão com a natureza e com toda a humanidade. É o que transparece nos versos de “Abençoado [amor]”:

Com amorosidade, o coração por amor abençoado:

fluir o amor divino e compassivo:

sentir comunhão Divina no frescor da manhã

quando o Sol a alma ainda não abençoou.

Vibração poético-amorosa que Vida implica. (...)

II

O mais importante na Vida é o amor.

Pode surgir a compaixão

em decorrência de poética milagrosa.

Assim como a paz profunda,

a infinita felicidade

emerge da harmonização

com todos os seres. (...) (Uhry, 2025, p. 95).

Aqui há também “paz profunda”, um conceito Rosacruz semelhante à harmonia: “É a harmonia do ajuste do ser humano ao Cósmico, que produz uma cálida onda de contentamento por todo o Ser.” (Amorc, 2011, p. 209). E, igualmente, neste verso do poema “Amizade [vida]”: “A busca: harmonia com todos e o Pai-de-Todos” (Uhry, 2025, p. 54). Ou no poema “Crescer [encantar]”:

Podemos vencer e nos encantar,

[As belezas e os seres é o que a vida nos pede cantar

harmonizar com a beleza da natureza,

religados à nossa Essência Divina, no poema, na reza,

e a exuberância dos seres.

e o que em seus corações fazer fluir souberes. (...)]. (Uhry, 2025, p. 41).

Outra particularidade proeminente dessa concepção poética é que a comunhão com a “Essência Divina” proposta não é meramente uma *ascensão*, mas também um *retorno à origem universal* de tudo, o que fica nítido num poema como “Almas [os fios invisíveis]”:

As almas humanas – irmanadas

Desde a fonte – Alma Universal – aqui estão a criar:

Há um fio invisível que relaciona todos nós. (...) (Uhry, 2025, p. 111).

Mais ainda: uma vez que estamos todos interconectados e somos expressões da “Alma Universal”, cada um de nós é uma personalidade-alma potencialmente... poeta! Como está em “Propósito [problemas]”:

(...) Siga o caminho que seu Poeta interior lhe indica:

sua centelha Divina está harmonizada com Deus. (Uhry, 2025, p. 109).

O que dá ideia que a *unio mystica* poética não tem, portanto, nada de individual, ainda que deva ser buscada no íntimo interior de cada um: é radicalmente universal. É o que se sugere em “Libertam [sonho]” em Uhry (2025, p. 47):

Os seres que se iluminam se libertam

das amarras da religião, raça, ideologia, seita

e dos condicionamentos da escola, família, sociedade

e mesmo da ideologia, da filosofia.

Assumem uma perspectiva cósmica, multiplanetária,

amam, meditam, são compassivos.

Ao harmonizarem-se com o Divino e todos os seres,

tornam-se Um com a própria Existência. (Uhry, 2025, p. 47).

Aqui fica mais claro o que se entende por *unio mystica* - Iluminação: tornar-se “Um com a própria Existência” ao amar, meditar, ser compassivo, harmonizar-se com Deus, o que considera “Um sonho” que permite “compreender vácuo, alcançar autoconsciência” e “libertar-se”. Entendida assim é que pode ser uma escuta mística, fruto de um encontro vivido de modo pleno em que há a vivência da libertação de “condicionamentos, ideologias, filosofias” (Uhry, 2025, p. 47) por meio das vivências do amor, da meditação, da compaixão, da compreensão. O que o poeta considera um sonho!

Também em “III. Escutas poéticas” segue-se a Poética visual 2 em que - a seguir - há mais poesia relacionada à meditação e à consciência e ao “mergulhar n’alma”:

Escutas poéticas: a nossa busca profunda e estética

[Sopros de vozes e variações a refletir na unio poiética.

A partir do/@ poeta & leitor/@, um mergulhar n’alma.

O êxtase na escuta poética calma]. (Uhry, 2025, P. 124).



Figura 2: Poética visual 2, em que há *reflêxio*.

Ao olhar para o céu, escruto as asas caminho abrindo

[No vazio do pensamento, escuto as nuvens, indo.

sem deixar rastros no céu interior meditativo.

O coração poeta em meio as nuvens e o azul reflexivo]. (Uhry, 2025, p. 124).

É assim que Uhry nos brinda, por meio do encadeamento de seus poemas, com uma representação praticamente direta do que imagino seja seu processo de meditação (uma das práticas sempre focalizadas por ele nos poemas), num jogo de associações de ideias sempre direcionadas pela busca da *unio mystica* com a humanidade e o espírito universal por meio de escutas, encontros e vivências poéticas de um poeta místico Rosacruz.

Na parte dos “Encontros poéticos” há uma foto em preto e branco que está ao lado do poema “Vida [Testemunhe]:

[...] Duramente recordo o instante do voo. Aprendi

Totalmente se pôr no que estivermos enfrentando, entendi.

Somente eu estou feliz? Sim, neste momento voando feliz.

Diante de desafio ou dor, testemunhe! Nem que seja por um triz]. (Uhry, 2025, p. 82).



Figura 3: Poética visual 3. Fonte: Uhry (2025, p. 83)

A figura 3 é do poeta menino ao lado de seu irmão mais velho, a recordação da construção da primeira casa, um “instante de voo” em que aprendeu a “se pôr no que estivermos enfrentando” e mostra-o “cansando de o árduo fazer” e “voando feliz”, em êxtase, ao testemunhar o feito! Nota-se que os versos reproduzem os valores místicos rosacruz.

Considerações finais

Assim, ao contrário do supracitado Fernando Pessoa, Uhry nunca poderia escrever poemas como um heterônimo. Ele não apenas escreve seus textos; ele os *revive* mesmo eu seu Poeta Interior menino.

E é aí que me parece encaixar-se a inovadora estrutura em estrofes intercaladas, adotada em *Vivências, escutas e encontros poéticos*. Em cada poema, as estrofes localizadas do lado esquerdo – por onde sempre se inicia a leitura –, via de regra, são as que introduzem o tema ali focalizado e propõem as teses que sobre ele o enunciador quer comunicar. Já as estrofes localizadas no lado direito – para onde naturalmente flui a leitura, em continuação – apresentam variações em relação às do lado esquerdo: ora complementam ou detalham o que se diz anteriormente, como neste trecho de “Percalços [competição]”:

Na vida, podemos direcionar nossas vibrações.

[Direcionar a saúde, diálogo, humanismo e cooperações.

Direcionar à espiritualidade, à amorosidade, à educação.

Direcionar a ecologia, artes, ciências, a poética criação. (...). (Uhry, 2025, p. 93).

... ora trazem teses contrastantes, opiniões que, à primeira vista, parecem divergir das que o poeta enunciou no lado esquerdo da página. O poema “Compartilhar [abertura]” traz um exemplo:

Compartilho o que quero atrair para o Planeta,

[Os versos são o que me dá na veneta.

para o País, para mim e todos os seres:

Cada um tem em mente seus próprios prazeres. (...)] (Uhry, 2025, p. 80).

No entanto, um olhar menos superficial logo permite perceber que não há nunca uma contradição insolúvel entre as estrofes à esquerda e à direita. O que há é a proposição de uma estrutura poética dialógica, *como se o enunciador conversasse consigo mesmo*.

Sinto que a leitura de *Vivências, escutas e encontros poéticos* produziu uma transformação duradoura, de uma forma que ainda não consigo descrever. Só sei que, depois dessa profunda experiência encantatória que nos proporciona a poesia vivenciada, nós, seus leitores e leitoras, poderemos fechar as portas do templo, descer a escadaria que nos devolverá ao cotidiano – e abrir as portas de uma nova consciência da Vida.

As reflexões sugerem que podemos vivenciar uma Vida mais amorosa e verdadeira. A arte poética pode nos ajudar a adentrar às portas de um templo sagrado, em que uma celebração mística poética pode acontecer e que, sem perceber, podemos vivenciar o mistério da união mística poética por meio da escuta, do encontro e das vivências que podem nos encantar e nos ajudar a nos encontrar com Deus.

REFERÊNCIAS

- Antiga e Mística Ordem Rosacruz Amorc. **Glossário de termos e conceitos da tradição Rosacruz**. Org. L. E. V. Berni. Curitiba: Grande Loja de Jurisdição de Língua Portuguesa, 2011.
- Braga, J. L. Comunicação, disciplina indiciária. **MATRIZES**, n. 2, abr. 2008, p. 74-88.
- Ginzburg, C. Sinais: raízes de um paradigma indiciária. In: _____. **Mitos, emblemas, sinais**. São Paulo: Cia. Das Letras, 2007, p. 143-180.
- Greimas, A. J.; Landowski, E. **Análise do discurso em Ciências Sociais**. São Paulo: Global, 1986.
- Gullar, F. Ferreira Gullar dá uma aula de amor à arte na Bienal. **Notícia**. Disponível em https://www.campos.rj.gov.br/exibirNoticia.php?id_noticia=25356 Acesso em 16.10.2024.
- Husserl, E. **Meditações cartesianas: introdução à fenomenologia**. São Paulo: Madras, 2001.
- Lopes, P. E. Prelúdio. In: Uhry, R. **Vivências, escutas e encontros poéticos**. Curitiba: Ed. Appris, 2025, p. 19-25.
- Mazzucco, C. A comunicação uma arte mística. **O Rosacruz**, n. 312, Outono, 2020, p. 4-9.
- Nogueira, S. S. Unio mystica nas tradições judaica e cristã primitiva. **PLURA**, Revista de Estudos de Religião, vol. 2, nº 2, 2011, p. 196-208. Disponível em <https://revistaplura.emnuvens.com.br/plura/article/view/281>. Acesso em 18.10.2024.
- Pessoa, F. **Obra poética**. Rio de Janeiro, Editora Nova Aguilar, 2003, p. 164.
- Uhry, R. **Vivências, escutas e encontros poéticos**. Curitiba: Ed. Appris, 2025.
- Zitkoski, J. J. **O método fenomenológico de Husserl**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994.